



O funk na sala de aula: quebrando paradigmas

Rosilene Maria Nascimento
.....

1. Justificativa

O projeto “Funk na sala de aula” tem por objetivo o estudo do gênero textual Artigo de opinião. Para atrair o interesse dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, resolvemos partir das letras de música do gênero musical Funk, aqui entendido como prática de letramento local. Ouvir e dançar funk é uma prática comum entre os jovens das comunidades de periferias do Brasil, mas bastante estigmatizada pela comunidade escolar. A intenção da proposta foi a de usufruir dessa prática habitual entre os jovens para motivá-los, por meio de uma reflexão sobre os discursos que estão sendo difundidos através das letras de funk, a se posicionarem (a partir da desconstrução do olhar mecanizado e preconceituoso) em relação à pertinência ou não pertinência do que está sendo transmitido pelas letras das músicas. Esse posicionamento foi manifestado no artigo de opinião que cada aluno escreveu no final do projeto.

Acreditamos que ao dar visibilidade ao funk, que representa muito da história e da identidade dos estudantes, como prática de letramento, estamos, dentro da escola, nos instrumentalizando para nos aproximarmos do estudante a fim de potencializar a apropriação deles das mais diversas práticas culturais, formas, apresentações e usos da língua oferecidos pela escola e/ou fora dela.

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal José Mauro de Vasconcelos, onde atuo como professora do 9º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma turma de quinze alunos que produziram para a primeira edição do jornal da escola um artigo de opinião sobre a influência do funk no comportamento dos jovens. Essa escola

está situada na zona industrial da cidade de Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais, e os estudantes dessa localidade e, como a maioria dos jovens de periferia da região Sudeste do Brasil, gostam do funk e frequentam bailes que se realizam nas vilas, praças e favelas do entorno da escola.

O nome do projeto, "O Funk na sala de aula: quebrando paradigmas", justifica-se por tratar-se de um estilo musical popular das periferias, considerado marginal por causa de seus códigos e símbolos, ouvido por jovens e adolescentes oriundos das vilas e favelas das grandes cidades do Brasil. Em virtude dessa abrangência, podemos considerar o funk uma prática de letramento identitária da juventude, pois os alunos, agentes do projeto, ouvem esse gênero musical cotidianamente em sua comunidade e até mesmo durante as aulas e intervalos da escola. Assim, escolheu-se um projeto de multiletramento (o funk ouvido, lido e cantado) que pudesse transformar em prática escolar, cuja produção final fosse um artigo de opinião.

A proposta traz as letras de funk, sugeridas pelos alunos, para dentro do espaço escolar. Dessa forma, canalizamos o interesse do aluno pelas músicas para a construção de uma postura crítica a respeito dos discursos veiculados pelas letras e para a reflexão sobre o que está sendo dito, como, por que e para quem; a partir daí concebemos os argumentos necessários à produção do artigo de opinião, objetivo primeiro desse projeto.

2. Fundamentação teórica

O funk é uma prática de letramento local e identitária. Para compreendermos esse conceito, usamos como referência Ângela Kleiman (2010), que entende por letramento local as práticas de letramento vernáculas, não institucionalizadas, menos prestigiosas e menos visíveis que as práticas de letramento da escola, da universidade, da imprensa, entre outras instituições, que são práticas legitimadas globalmente. E por que uma prática identitária? Porque o funk representa, através das suas letras, o cotidiano, os anseios dos jovens da periferia. Freire (2012) argumenta que a atividade musical (o ato de ouvir ou cantar músicas) contribui para a construção de identidades:

[...] a música é responsável por demarcar épocas, grupos e usos e costumes e o ouvinte irá usar a sua compreensão do mundo, sua identidade, emotividade, para dar a ela um significado. O imaginário do sujeito está intimamente ligado ao seu território, onde ele pode se expressar, desenvolver uma identidade que atravessa a individualidade.

Assim, podemos entender o funk como uma prática de letramento local, potencialmente identitária, como qualquer outra manifestação artística e cultural.

Por outro lado, as letras do funk defendem a política do prazer, e não a política da lei das classes dominantes. Mesmo tão criticado por este segmento e pela cultura escolar tradicional, o funk espelha valores já enraizados em nossa sociedade, como a

objetificação da mulher, a violência, a segregação social, e, por meio de símbolos e de um universo de códigos linguísticos genuínos, diz sobre a vida em favelas e periferias. Ainda, ao distanciar-se dos mecanismos de controle da mídia comercial dominante, pois a própria comercialização das músicas é feita por um mercado marginal, via internet, com economia própria, assume para si um tom de subversão. Esse conjunto confere ao funk e ao seu público uma identidade contestadora e desarraigada dos modelos sociais dominantes. Os bailes ostentam um ar de resistência e insubordinação, os movimentos do corpo durante as danças conferem *status* de poder aos participantes, que passam de meros ouvintes a “donos do baile”. Dessa forma, as identidades vão se configurando e autoafirmando-se em um novo contexto, que aponta um novo modo de existência sociocultural.

Mas por que a escola tem que se preocupar com a construção de identidades e com esse novo modelo de comportamento? Segundo Kleiman (2010, p. 388), “os processos que contribuem para as construções identitárias são discursivos. Para além das identidades nacionais, étnicas, de gênero, são construídas discursivamente identidades profissionais”. Para a autora (p. 376), “o processo de tornar-se letrado é um processo identitário, porque, em uma sociedade profundamente dividida por questões sociais, como a brasileira, o processo de inserção na cultura da escrita equivale a um processo de aculturação, com a violência simbólica aí pressuposta”. Isso significa que há um choque entre a cultura do aluno e a cultura escolar. Assim, ao trazermos o funk para a escola, buscamos entender a trajetória identitária dos estudantes jovens e adolescentes e, ao reconhecermos suas práticas sociais, acreditamos estar facilitando seu acesso à escrita, via escola. Assim, por meio da presença de uma prática de letramento local, dialogamos com outras práticas de letramento próprias do universo escolar, como a criação de um artigo de opinião, gênero textual integrante do currículo escolar do 9º ano do Ensino Fundamental.

Como estratégia didático-pedagógica para a construção do gênero, utilizamos a sequência didática proposta pelo Cenpec (2014). Essa escolha baseou-se na concepção de que o trabalho com sequências didáticas auxilia os alunos a dominar um gênero de texto de forma gradual, passo a passo, antes da escrita final.

Ao final de dois meses, tempo em que o projeto foi desenvolvido, trabalhamos com diversos gêneros textuais: letra de música, artigo de revista especializada, charge, editorial, enquete, gráfico, reportagem jornalística e debate, reescrita do debate e artigo de opinião.

3. Pré-projeto de práticas de letramento em sala de aula

3.1. Sequência didática

Os estudantes fizeram a sugestão das letras. No entanto, é preciso levar em conta, conforme Freire (2012), que o funk pode ser dividido em cinco categorias. Entre as reconhecidas pelo público, estão o *funk melody* ou *charm*, com bateria eletrônica e

letras sobre o amor, desilusões e amor romântico; o estilo *funk consciente*, um discurso social, uma tentativa de retratar a vida na favela, os preconceitos, injustiças sociais; o *funk proibidão*, com citações de facções criminosas, façanhas de traficantes e, por isso, geralmente tocado dentro das favelas e combatido pela polícia; o *funk ostentação*, com temas referentes ao *status* social, incluindo elementos característicos dos *rappers* americanos; e o *funk erótico* ou *batidão*, caracterizado por uma linguagem sexual. Assim, as letras de funk foram selecionadas, ouvidas e cantadas, na forma como foram disponibilizadas na internet e, posteriormente, reescritas em língua formal no quadro para que os estudantes as registrassem nos cadernos. Em seguida, fizemos uma análise vocabular, procurando identificar o sentido particular que as palavras assumiam nas letras que estávamos estudando. Falamos sobre o fato de que todos os gêneros textuais são históricos, o que significa que estão ligados aos acontecimentos históricos, ao modo de viver de cada época. Nesse sentido, as letras do funk fazem parte de uma cultura atual e podem sobreviver, ou não, às mudanças e novidades do cenário musical, dando origem a novos estilos. A análise das letras de funk nos levou a um debate sobre as variedades linguísticas, o certo e o errado na língua e ao confronto: língua padrão *versus* língua popular; e, por conseguinte, o enfrentamento aos preconceitos linguísticos que são sustentados por outros preconceitos, como o social e o racial.

Outro ponto estudado foi a intencionalidade textual. Nesse momento, os alunos apresentaram todos os recados implícitos transmitidos através das letras do funk, e aproveitamos para discutir temas presentes nas letras como apologia a drogas, violência, machismo, objetificação da mulher, sexismo, consumismo, luta de classes, segregação social e hegemonia, e desvendamos gírias e o reconhecimento de determinados vocábulos como vergonhosos ou chulos. Compreendemos que essa exposição nas letras de música do que seria uma vergonha pública configura-se num ato malicioso de resistência, e nesse momento percebemos o redimensionamento dos valores explicitados pelo funk já tão naturais na fala dos estudantes.

Multimodalidades

- “O funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura”, de Lucin Reitenbach Viana. (*Revista Sonora*. Unicamp, v. 3, nº 5, 2010. Disponível em <<http://www.sonora.iar.unicamp.br/index.php/sonora1/article/viewFile/32/31>>.
- “O rap e o funk na socialização da juventude”, de Juarez Dayrell. *Educação e Pesquisa*, v. 28, nº 1, jan./jun., 2002, pp. 117-136. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n1/11660>>.
- “Nem luxo, nem lixo: Um olhar sobre o funk da ostentação”, de Libny Silva Freire. Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio. IX Poscom, 2012.
- Reportagem da Record, sobre a verdadeira história do funk. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=rTPVeNmD51E>>.

Produção do artigo de opinião

- O papel da argumentação;
- Notícia *versus* Artigo de opinião;
- As características principais do gênero artigo;
- A defesa da tese;
- O texto argumentativo articulado;
- Produção do artigo – revisão e escrita.

4. Referências bibliográficas

CENPEC. *Pontos de vista*. Caderno do professor – orientações para produção de textos. São Paulo: Cenpec, 2014. Coleção da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*.

FORNACIARI, C. "Tentativas atrevidas: o funk na arte-educação", 2014. (http://www.academia.edu/7719684/_Tentativas_atrevidas_o_funk_na_arte-educacao_)

FREIRE, L. S. "Nem luxo, nem lixo: Um olhar sobre o funk da ostentação". IX Poscom – Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, 7, 8 e 9 de novembro, 2012.

KLEIMAN, A. B. *Preciso "ensinar" o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?* Campinas: Unicamp/Cefiel; MEC: Secretaria de Ensino Fundamental, 2005. Coleção Linguagem e Letramento em Foco.

_____. "Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento", in: CORRÊA, M. (org.). *Ensino de língua: letramento e representações*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

_____. "Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar". *Perspectiva: Revista do Centro de Ciências da Educação – UFSC, Florianópolis*, v. 8, nº 2, jul./dez., 2010, pp. 375-400.

VIANA, L. R. "O funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura". *Revista Sonora*. Unicamp, v. 3, nº 5, 2010. Disponível em <<http://www.sonora.iar.unicamp.br/index.php/sonora1/article/viewFile/32/31>>.

VIANNA, H. *O mundo funk carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.